

A CULTURA DA LETRA NA SOCIEDADE DIGITAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i42p299-315>

Livia Grotto

RESUMO

Esta é uma resenha crítica, descritiva e pormenorizada de *No soy un robot*, livro de ensaios do escritor mexicano Juan Villoro, publicado em 2024, cujo objetivo principal é oferecer perspectivas atuais, debates e provocações sobre a cultura da letra na sociedade digital. Todos os questionamentos do autor afetam a relação proposta pelo título desta revista: *Literatura e Sociedade*. Como, hoje, a leitura, e em especial, a leitura de textos literários, poderia nos resgatar dos problemas produzidos pelo mau uso da tecnologia? Como nos alertaria a respeito de seus riscos e excessos?

PALAVRAS-CHAVE: leitura; literatura; sociedade digital; tecnologia; livro; humano.

ABSTRACT

This is a critical, descriptive, and detailed review of *No soy un robot*, a book of essays by the Mexican writer Juan Villoro, published in 2024. Its main objective is to offer current perspectives, debates, and provocations regarding the culture of the letter in the digital society. The author's proposals impact the relationship suggested by the title of this journal: *Literatura e sociedade*. How might reading today, and in particular the reading of literary texts, rescue us from the problems caused by the misuse of technology? How would they warn us of its risks and excesses?

KEYWORDS: reading; literature; digital society; technology; book; human

Juan Villoro não esconde sua audácia, nem o impacto diante dos tempos que vivemos. Afirma que se no passado houvesse existido uma obra cujo objetivo fosse dar testemunhos pessoais sobre as transformações produzidas pelo surgimento da imprensa, seu novo livro poderia ser-lhe comparável, pois busca oferecer uma série de perspectivas atuais sobre a cultura da letra na sociedade digital. Publicado em 2024, *No soy un robot* divide-se em quatro momentos principais: uma introdução e um epílogo, e no centro, muito substanciosas, a primeira e segunda partes. O escritor mexicano tem fôlego e está em forma no gênero que mais abrilhanta a sua escrita: o ensaio. Na sua versão digital, *No soy un robot* conta com 302 páginas, distantes do tédio por combinarem prosa lírica, tiradas de humor, programas de ideais e de combate, divulgação de notícias, mensagens de alerta, memórias, perfis biográficos, autobiografia, resenhas, distopias, reportagens investigativas, diário de viagem... Mesmo que toda a primeira parte do livro diga respeito ao modo como nos relacionamos com a tecnologia e que a segunda gire em torno da leitura, existe, pelo menos para aqueles que têm mais de quarenta anos, a sensação de um reencontro com o gênero revista de variedades, aquela que se recebia em casa ou era comprada nas bancas de jornal, levando pelo menos uma semana para ser lida.

Também extensa, sobretudo se comparada com as que ainda se publicam, esta é uma resenha crítica do livro, descritiva e pormenorizada. A dimensão tenciona abarcar as provocações e debates que gravitam em torno das novas realidades com

as quais estamos confrontados ou, mais sutis, altera(ra)m o modo como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. Todas elas afetam a relação proposta pelo título desta revista: *Literatura e Sociedade*. Como, hoje, a leitura, e em especial, a leitura de textos literários, poderia nos resgatar dos problemas produzidos pelo mau uso da tecnologia? Como nos alertaria a respeito de seus riscos e excessos?

Nas palavras iniciais do livro, o escritor se pergunta sobre o que é o humano atual, quando parte das faculdades da espécie são assumidas por máquinas. Uma pergunta, ressalta, que os próprios computadores nos fazem quando entramos em determinadas páginas *web* e deslizamos o dedo pelo *trackpad* para marcar o quadradinho que assegura, numa negativa, a nossa condição: “Não sou um robô”. Ainda em “Introducción: el reino olvidado”, Villoro relembra as obras lidas durante o curso de Sociologia da Universidade Nacional Autônoma do México da década de 1970. Eram, dentre outras, as representações da realidade estudadas por Herbert Marcuse em *O homem unidimensional*, Umberto Eco em *Apocalípticos e integrados*, Marshall McLuhan em *Compreender os meios de comunicação*, Guy Debord em *A sociedade do espetáculo*, além do “núcleo duro”, centrado em estudos como *A teoria da alienação em Marx*, de István Mészáros. Por outro lado, existiam as leituras do filho rebelde, que não podia atender (apenas) ao desejo do pai¹, e cultivava o capricho de se tornar escritor. Daí a participação nas oficinas de conto de Augusto Monterroso e a percepção de que também a arte procurava respostas às diversas formas de alienação. Este teria sido o caso, naquela época, do trabalho do pintor chileno Roberto Matta. Num congresso de intelectuais reunidos em Cuba no ano de 1967, ele tinha refletido sobre a “A guerrilha interior”, em comunicação homônima. Pouco antes de falecer, deixou notas sobre a necessidade de uma luta contra a “cosificación capitalista” (VILLORO, 2024, p. 7). Muitos anos depois, seu conterrâneo Roberto Bolaño popularizaria o infrarrealismo com o romance *Los detectives salvajes*, cujos personagens, jovens e escritores, dedicam-se menos à escrita do que à arte de indagar “las posibilidades ocultas de la experiencia” (VILLORO, 2024, p. 8), exercendo, portanto, a “guerrilha interior” proposta por Matta. Ainda uma última leitura dos tempos da faculdade, entre as muitas citadas: Italo Calvino. Em 1960,

¹ Trata-se do filósofo Luis Villoro, a quem o filho dedicou seu penúltimo livro, *La figura del mundo*, em 2023, além de comentários esparsos em muitas de suas obras.

reunira sua trilogia de romances e no prólogo a *Nuestros antepasados* recordou o vazio, determinante para a existência do romance *O cavaleiro inexistente*, protagonizado por uma armadura sem corpo. Segundo Villoro, este personagem foi uma referência para a elaboração de *No soy un robot*, pois anunciava a era digital: “El ser humano moderno alcanza una existencia artificial a través de la sumisión a los objetos y las normas sociales que lo coaccionan [...]. Absortos en pantallas, nos preguntamos: ¿dónde queda la realidad?” (2024, p. 12).

Entre a primeira e a segunda frase desta última citação existe um lapso. O desconforto que produz pontua outras passagens de *No soy un robot* e tem a ver com a humanidade ou, para recuperar uma expressão do autor, com o “fator humano” (VILLORO, 2024, p. 3). Relaciona-se, igualmente, com a distância crítica daquele que pertence a gerações anteriores e não sente que as máquinas e aparatos integram, de modo irreversível, a sua rotina. Na primeira frase o outro é o ser humano moderno, alienado pela tecnologia e pelos acordos sociais tácitos. Na segunda, o plural majestático inclui, talvez por gentileza, (nós,) os leitores, subsumindo(-n)os ao *pathos* tecnológico, mas, como o autor, não completamente. Essa distância, à primeira vista incômoda, pode ser frutífera para debates em sala de aula porque provocam os que ocupam o lugar do outro, a saber, os que estariam na condição de ser, pelo menos por enquanto, menos leitores: estudantes de Ensino Médio, graduandos e até pós-graduandos.

Inicialmente, o questionamento sobre o grau de rarefação do humano devido à convivência com a tecnologia se assemelha a uma vontade de conservação quase inútil, sem dúvida melancólica, diante de transformações que já se fizeram ou estão em curso. Paulatinamente, entretanto, e ao longo das trinta e duas seções da primeira parte do livro, as suspeitas de Villoro se fazem nossas. O mesmo ocorre na segunda parte, quando a confiança no gesto da leitura ganha espessura por intermédio das vinte seções e (re)afirmam a (nossa) condição humana. Parte desses textos que hoje compõem *No soy un robot* foram esboçados previamente, em crônicas e artigos de opinião publicados nos últimos três anos, em vários meios, dentre os quais se destacam *El País* e *The New York Times*. Nesse sentido, as seções podem ser lidas isoladamente, embora cada uma delas esteja ligada aos debates centrais da primeira e segunda parte de *No soy un robot*.

Em “Tecnología y elocuencia”, primeira seção de “I. La desaparición de la realidad”, constata-se que a maior parte das pessoas não compreende o funcionamento de seus eletrodomésticos. Da mesma maneira que se faz com o celular, ligar e desligar é o máximo que se imagina como solução, o que demonstraria uma crença na autorregulação do sistema. O contraponto a essa ilusão está em “Contra la máquina”, um relato sobre a calma e a racionalidade de Stanislav Petrov, tenente coronel das Tropas da Defesa Aérea Soviética, ao desconfiar de um alerta do computador da base de Oko, perto de Moscou, informando sobre um disparo de míssil nuclear partindo dos Estados Unidos. Se Petrov tivesse repassado a notícia errônea a seus superiores, uma guerra nuclear teria terminado com a humanidade que, hoje, avisa Villoro, confia cada vez mais nas máquinas.

Os terceiro e quarto textos da primeira parte de *No soy un robot*, “La información atmosférica” e “El narcisismo de los esclavos”, reforçam a anulação do humano. No campo da informação, o excesso impede sua assimilação, pois os dados chegam de tantas fontes que seria impossível certificar sua origem. As notícias também teriam, agora, uma lógica alheia aos interesses comuns, criando, por um lado, comunidades fechadas e, por outro, fragmentando grupos que poderiam se unir em torno de consensos. Do ponto de vista individual, as notícias tampouco buscariam satisfazer interesses preexistentes. Os próprios meios de comunicação escavariam, por conseguinte, curiosidades e atrações, favorecendo as *fake news*, além das opiniões instantâneas sobre opiniões, com plataformas que geram mais mediações do que conteúdos. A universidade não seria alheia a esses fenômenos e o autor parece, efetivamente, falar de dentro, uma vez que alude à sua presença em várias delas, na qualidade de estudante, ouvinte ou conferencista². Apoiando-se em George Steiner, explica que no campo das humanidades houve uma perda significativa do contato com as fontes primárias. Nas Letras, em especial, já não se analisam contos, romances ou poemas, mas textos teóricos e ensaios que se referem a outros textos teóricos e a outros ensaios. Em vez da alienação descrita por Mézàros ou à maneira do personagem Joseph K., a atual seria exercida de outro modo. As pessoas abdicariam de si mesmas, e do contato autêntico com os livros ou com a

² Villoro foi professor da Universidade Autônoma do México, UNAM, professor convidado em Yale, Princeton, Boston e na Universitat Pompeu Fabra de Barcelona. Desde 2014 é membro do Colégio Nacional do México.

realidade, para estar diante das telas, tornando-se dependentes do que Villoro chama de “próteses digitais” (cf. 2024, p. 34). Convencidas de que respondem a seus interesses mais genuínos, escolheriam estar em universos paralelos. Outras asseverações desse tipo, derivadas de nomes como os de García Canclini e Byung-Chul Han, voltam a transmitir o alerta de perigo com humor, às vezes como se fossem uma *greguería* à la Ramón Gómez de la Serna. Em “Invitar al vampiro”, os celulares seriam os vampiros que carregamos nos bolsos (cf. VILLORO, 2024, p. 38).

Na subparte “Aquí estoy”, a tese é a de que a identidade tornou-se um fenômeno externo. Para existir, o indivíduo precisa de testemunhos, daí os *reality shows*, as *selfies*, a pornografia amadora, os romances de autoficção, as fotos e os vídeos postados nas redes sociais. Ao mesmo tempo — adverte em “Imágenes en la Tierra plana” — todos se distraem com imagens que, acrescenta em “El síndrome de Chaplin”, promovem o idêntico, justificando a existência dos programas para correção de fotos, dos botox, silicones e abdominais de tanquinho. Em “¿Quién te mira?”, Villoro descreve a onipresença das câmeras sem que a justificativa para a sua existência multiplicada seja efetiva, uma vez que os crimes não teriam diminuído. Tal como o leitor já deve ter notado, e à maneira de outros livros do autor, os ensaios de *No soy un robot* vão se construindo segundo uma sobreposição de perspectivas que iluminam mais e mais os primeiros argumentos.

Ao mesmo tempo, elas inscrevem a (re)leitura de seus próprios clássicos: além de George Steiner, as traduções de Shakespeare por Tomás Segovia, Harold Bloom, o *Dom Quixote* de Cervantes, Alan Pauls, Rodrigo Fresán, Jorge Luis Borges, Beatriz Sarlo, Ramón López Velarde, Carlos Monsiváis, Arthur Schnitzler, Enrique Vila-Matas, Günter Grass. Mas aos revisitados somam-se muitas novidades, com sabor mundano, inteiramente diletante. No passeio de “Inconvenientes de tener cara”, a hipótese é a de que os algoritmos forcem as ações dos usuários por meio de sugestões, tratadas pelo autor como prefigurações antiéticas, segundo possibilidades que já haviam sido cogitadas pela arte. Para convencer-nos, o autor nos leva ao *The Minority Report* filmado por Steven Spielberg, em especial às cenas onde os criminosos são presos antes de cometer delitos, ao encontro de Franz Kafka com o então pintor Adolf Hitler no romance *Respiración artificial* de Ricardo Piglia, à cirurgia de correção de pálpebras de Salman Rushdie, possivelmente estimulada pela opinião pública que julgava seu rosto suspeito de abjuração. À semelhança dos

personagens João e Maria, também vamos entendendo que os internautas deixam *cookies* para que seus próprios gostos de consumo sejam identificados.

Longe de ser vista como um vício, a dependência tecnológica retorna em “Mundo dron”, lugar onde os *iPhones* podem substituir o parceiro ou ser-lhe preferível. Para justificar a provocação, Villoro associa, dentre outros, livros como *El mundo dron* de Naief Yehya e filmes como *Her*, dirigido por Spike Jonze. Eles atestariam que os afetos da vida real demandam tempo e podem cansar, reforçando a intimidade remota. Esta, por sua vez, geraria relacionamentos fáceis, com um alvo neutro, situado lá longe, noutra *iPhone*, quase sem vida devido à distância, mas ainda assim, suscetível ao *voyeurismo*, ao ódio ou ao apagamento remoto. Desavenças de outros tipos são denunciadas em “Neurosis digitales”, com a percepção de que a velocidade pode levar ao descontrole e operar numa dinâmica parecida com a dos sonhos. Em muitas situações da internet, “no dices lo que piensas sino lo que tratas de pensar. Cuando adviertes lo que querías decir, ya lo dijiste. Aunque puedes borrar la frase, del otro lado del espejo alguien ya la imprimió o la retuiteó” (VILLORO, 2024, p. 69). A escrita automática desejada por André Breton para eliminar a censura da consciência estaria, atualmente, em todos os lugares, mas, humoriza Villoro, nem todos são gênios que se beneficiam ou beneficiam o próximo com esse recurso de auto-liberação.

James Flynn, filósofo e psicólogo que estudou o aumento do quociente intelectual ao longo dos anos, é o homenageado em “El fin de la inteligencia: humanos con caducidad”. Flynn faleceu em 2020 e essa morte, ironicamente, teria marcado uma inflexão simbólica, posto que na mesma época vários especialistas, pacientemente elencados por Villoro, comprovavam que a capacidade cognitiva humana estava diminuindo. Isto se deveria a dois fatores principais: a mente é menos usada nas atividades diárias (vamos de um lugar a outro usando o Waze, em vez de avaliar qual é o melhor caminho) e interagimos menos entre nós do que no passado. A conclusão é impactante: o QI “decae al tiempo que la inteligencia artificial mejora” (VILLORO, 2024, p. 74). Frases deste tipo, que dão a pensar e, ao mesmo tempo, são responsáveis por promover efeitos de fechamento ou de arremate, coexistem, sobretudo na primeira parte, intitulada “La desaparición de la realidad”, com a insegurança e o desalento diante de uma atmosfera de espionagem e de roubo, não só de dados privados que serão usados para fins comerciais, também das

capacidades humanas de agir, pensar e amar. Alarmado, o autor afirma que a Inteligência Artificial pode nos substituir, pois não é monitorada pela comunidade internacional e avança com uma rapidez que deixa para trás as legislações. Ainda assim, e não sem o incômodo que assinaliei antes, a fatura de certas frases deixa entrever que o escritor e seus leitores poderiam resistir por mais tempo, diferentemente do “vizinho” — “Todo indica que dentro de poco un electrodoméstico será más sabio que tu vecino” (VILLORO, 2024, p. 75) — ou dos congêneres: “Para como van las cosas, más temprano que tarde la mayoría de nuestros congéneres serán obsoletos” (Idem, p. 76).

Sempre com o afã de denunciar a realidade individual que, pouco a pouco, se perde, as seções da primeira parte do livro ainda discorrem sobre os “titãs” do Vale do Silício: Elon Musk, dono da Tesla, Mark Zuckerberg, dono do Facebook, e Jeff Bezos, dono da Amazon e do *Washington Post*. Os três lutariam para satisfazer seus desejos infantis, da mesma forma que os dados roubados ou deixados na rede por milhões de usuários satisfariam a esses mesmos usuários, dominando-os de modo prazeroso, ofertando-lhes mercadorias, ou a viagem que tanto desejam, e indicando, para os que sabem ler, que no futuro decisões ainda mais importantes poderão ser tomadas rapidamente, e sem pensar.

Não ficam fora de “I. La desaparición de la realidad” os homens que abdicaram da forma humana, preferindo ser *cyborgs*, nem a Tay, protótipo de robô da Microsoft que, ao assimilar por IA a conversa de jovens, passou a tuitar frases de cunho fascista e machista. O assunto principal de “El ojo de Pegaso” é a eliminação de jornalistas dissidentes em vários lugares do mundo. Já em “La red oscura”, o foco recai sobre o jovem e intrépido Ross Ulbricht. Disfarçado com o pseudônimo de um personagem de ficção, Dread Pirate Roberts, empregou criptomoedas e serviu-se do sistema de encriptamento de dados TOR para a criação de uma Amazon de produtos ilícitos, a Silk Road ou Rota da Seda. Como ele, os mais jovens seriam os mais afetados pela desrealização gerada pela sociedade digital, desenvolvendo, em consequência, “identidades líquidas” ou “voláteis”, além de disfuncionalidades reveladas em “Los hikikomoris”, como a reclusão extrema, a síndrome de Asperger ou a *tech neck*. Na opinião do autor, pai de um casal de jovens, ao viver no presente permanente das redes, os mais novos também parecem mais vulneráveis às ideologias fascistas e anti-sistema pelo fato de desconhecerem e mesmo se desinteressarem pelo passado,

dando ouvidos somente aos que têm mais seguidores, despreocupados com o critério da já ultrapassada credibilidade ou com a transmissão de ideias, ideais e valores. Em vão, lamenta-se, pais e professores lutam para limitar a realidade virtual, sendo derrotados pelo avanço da tecnologia em todos os setores da vida. Nossa era, caracterizada como a da pós-verdade, foi a que permitiu a eleição de Donald Trump, cuja campanha comprovaria que a propaganda vale mais do que a realidade ou a mercadoria. Segundo um fenômeno que nós, brasileiros, conhecemos de perto com Bolsonaro, Villoro recupera a informação, em “El imperio de la posverdad y el *branding*”, de que no primeiro ano de governo, Trump contou uma média de seis mentiras por dia, “corrigindo” cada falsidade com outra falsidade e magnetizando, dessa forma, os inconformados, entre os quais se incluem muitos jovens atraídos por seus defeitos, contradições, incompetências, calúnias e delírios de grandeza.

As últimas seis seções de “I. La desaparición de la realidad” dão a medida das bolhas que nos tiram da experiência. A primeira delas mostra como no espaço virtual uma infinidade de pessoas segue, através das redes sociais, as supostas vidas de famosos de todo o mundo. A segunda, explicada em “Un cálculo sideral”, compartilha conosco o espanto frente aos 25 mil dólares pagos por um milionário anônimo pelo cálculo renal do ator de *Jornada nas estrelas*, William Shatner. A terceira denuncia o notável aumento da autoficção. Para Villoro, os escritores não se reinventariam, mas se (auto)copiarão, como se fossem replicantes de si mesmos. A quarta seção, antecipando a argumentação central à segunda parte do livro, propõe uma síntese da intimidade na narrativa do século XX. Ela resguardaria, com a história de cada um dos personagens, a complexidade do humano. A quinta seção detém-se na mudança de mentalidade observada a partir de dois viajantes espaciais. Villoro surpreende-se de que o mais velho, Serguéi Krikaliiov, depois de 747 dias no espaço, valorizasse a importância do convívio familiar, ao passo que a mais jovem, nossa contemporânea Cady Coleman, interrogada pelo próprio autor, dissesse que sua família compreenderia seu desejo de voltar ao espaço e, quem sabe, permanecer por lá. Por fim, em “Antes del ‘evento’”, explora-se o convite feito a Douglas Rushkoff, teórico e defensor do desenvolvimento de *softwares* com código aberto, para que providenciasse uma conferência sobre “O futuro da tecnologia”. Seu

pagamento seria o equivalente à metade de seu salário anual na CUNY, Universidade da Cidade de Nova Iorque. Seu público? Cinco presidentes de corporações:

Querían que Rushkoff les diera consejos para sobrevivir a un mundo posthumano donde la inteligencia artificial superará en destreza y neurosis al cerebro. El miedo a que las máquinas adquieran autarquía se complementa con otro: que dejen de funcionar con un apagón planetario. (VILLORO, 2024, p. 159)

A culpabilidade dos donos do poder viria, igualmente, da aglomeração de silício, cabos e metais pesados da rede remota de armazenamento e processamento de dados, eufemisticamente apelidada de “nuvem”, onde são guardadas as informações de todo o planeta, incluídas as de diversos países, o que colocaria de sobreaviso as soberanias nacionais. O novo imperialismo, baseado no controle de dados, seria um dos polos da dinâmica atual. O outro, descrito como quase improvável aos olhos da maioria, estaria nas lutas pela recuperação da terra por parte das populações autóctones. Villoro conclui relembando *Os sete saberes necessários* de Edgar Morin e oferecendo-nos, numa espécie de programa, dez pautas necessárias para combater a sujeição à realidade virtual.

Embora o propósito principal de cada uma das seções da segunda parte, “II. Formas de leer”, seja avaliar como a leitura pode subsistir nos dias de hoje, a dependência das máquinas vinculada com a minoração da realidade e da experiência, eixo central da primeira parte, mantém-se. “La comunicación en zigzag”, por exemplo, disserta sobre os *trending topics* e os retuítes. “El libro aprende a leer” retoma a vigilância a que os gostos de consumo estariam submetidos por meio dos *downloads* de livros comprados na Amazon ou das frases sublinhadas em *e-books* e plataformas digitais como Kindle. Enquanto lemos, declara Villoro, um algoritmo nos decifra para, depois, devolver-nos o que, supostamente, adoraríamos consumir. Uma situação impensada num dos primeiros testemunhos de leitura silenciosa, registrado por Santo Agostinho, que imaginava — apenas imaginava —, realça Villoro, os mistérios celestiais divisados por São Ambrósio enquanto lia a Bíblia.

Os outros textos que constituem a segunda parte do livro prestam-se a refletir sobre a leitura e o modo pelo qual, alterada e revisitada, poderia salvaguardar o que

é propriamente humano. Distante da vida dos santos, mas não das provações, ela seria consolo, alívio ou força para vencer obstáculos, exemplificados em “Leer para vivir” com as histórias de vida de Óscar Tulio Lizcano, vítima da guerrilha colombiana, do menino pobre que foi o ator Sean Connery, de uma mulher que curou-se da melancolia depois de escutar os romances sentimentais lidos por Diderot, de naufragos lembrados por Adriana Malvido e Gabriel García Márquez, de enclausurados como Dostoiévski e Gustaw Herling e dos “leitores extremos” retratados por Ricardo Piglia em *El último lector*, especialmente Che Guevara.

A primeira seção de “II. Formas de leer” talvez seja a mais poética do livro. Semelhante a outros momentos de *No soy un robot*, em “De un tiempo a esta parte” o escritor recorre a leituras de campos de conhecimento bastante diversos. Nesta seção trata-se, primordialmente, dos comentários ao texto do biólogo molecular Alberto Kornblihtt, “La duración de los días”, e ao livro de Galileu Galilei, *O ensaiador*. Para o primeiro deles, a vida na Terra teria surgido quando os dias possuíam 9 horas de duração. Segundo sua projeção, daqui a 200 milhões de anos, o dia durará 25. Nossa espécie teria surgido há 200.000 anos, quando o dia era um segundo e meio mais curto do que o atual. Nesse momento, Villoro põe em diálogo versos de Shakespeare, Horacio e Góngora para concluir que a escrita e a leitura “sirven al propósito, mínimo o desmesurado, de entender el segundo y medio de sol que define a nuestra especie” (2024, p. 291).

“La zona Bradbury: cercanía de lo extraño” homenageia o autor de *Crônicas marcianas*, *Os frutos dourados do sol* e *Fahrenheit 451*. Ele teria resistido à extravagância de descrever mundos extraterrestres para, em vez disso, conferir importância ao modo de ver as coisas ou, tal como denomina Villoro, realçar o “fator humano”. A divergência constante dos personagens de Ray Bradbury não se justificaria pelo fato de habitarem o futuro ou outras órbitas, mas por manifestarem o livre arbítrio e o gosto pessoal, encontrando-se, justamente por isso, com a magia do cotidiano. Sem que Villoro proponha uma relação direta, o leitor pode recordar o conselho da “guerrilha interior” de Matta e a liberdade dos personagens de Bolaño, referidos nas palavras iniciais de *No soy un robot*. Para o escritor mexicano, o único diferencial dos personagens de Bradbury estaria em suas extensas memórias. O passado perduraria na tela mental daqueles seres futuros e, ao mesmo tempo, afetaria o presente de modo consciente. Mais uma vez, e sem que haja uma

recuperação direta, a seção ecoa a falta de conhecimento do passado, denunciada em vários textos da primeira parte. Nesta reformulação do tema, o autor nota que diferentemente da leitura de superfície que se faz nas redes e nos dispositivos digitais, concentrada num presente imediato e imediatista, o leitor de Bradbury percebe a necessidade de vincular o presente a outros tempos. A frase que completa o percurso da seção parece ideada, não sem paroxismo, para ser sublinhada num *e-book*, ou tornar-se a epígrafe de um livro futuro: “Lo fascinante del porvenir es que contiene más pasado” (VILLORO, 2024, p. 180).

E é justamente ao passado que retornamos com “El textil y el texto”, cujo ponto de partida está no último livro de Irene Vallejo, *El infinito en un junco*, além de estudos de outras autoras que recuperam o legado da voz feminina que lê em voz alta, estabelecendo um vínculo da contação de histórias com o afeto. A mãe, a avó ou a irmã mais velha seriam, além disso, figuras que enfatizam a fonte oral de diversos mitos nos quais personagens femininas como Penélope e Ariadna costumam novos paradigmas. Em “¿Y si el libro se inventara hoy?”, Villoro imagina que a imprensa surgiu nos dias de hoje, na grande comunidade eletrônica descrita por *No soy un robot* e diante da qual passam a ser exibidas as vantagens do texto impresso!

Duas seções da segunda parte do livro correlacionam sínteses históricas com a mudança do suporte de leitura. “Pasar la página, cosechar letras” explica quais foram as inovações produzidas pela invenção da página no século XII. Com a adoção da nova tecnologia, ficam para trás os pesados fólhos e a leitura que se fazia em voz alta e publicamente, marcando, em consequência, a transição da educação monástica para a escolástica. Séculos depois, a leitura silenciosa e íntima, praticada por várias gerações, permitirá, segundo o autor, certa popularização da escrita. Esta última deixa, então, de ser vista como exclusiva dos escribas. Fundamentado nos estudos de Iván Illich, Villoro conta-nos que depois de alguns séculos de acesso continuado à tecnologia da página, o indivíduo ganha centralidade. Durante o Renascimento, desenvolve uma noção impensada para o homem medieval: a de que falar seria o mesmo que soletrar os próprios pensamentos. Uma mudança de paradigma dessa envergadura, exclama ele, só poderia ser comparável com a que vivemos hoje, com a “revolução digital”. A seção “‘Esto matará aquello’: el libro y el edificio” depara outra síntese. Ela se inspira no vaticínio de Claude Frollo, personagem do romance *O corcunda de Notre Dame*. Em pleno século XV, o vigário-

geral da Notre Dame, ao comparar catedrais e livros impressos, compreendidos, ambos, como expressões artísticas e polos emissores de mensagens, profetiza o fim das primeiras. Efetivamente, no século XIX, quando o romance de Victor Hugo foi publicado, os projetos educativos e identitários já eram veiculados pelos livros. Hoje, completa Villoro, estamos diante de um novo suporte para a linguagem destinada à coletividade e a letra impressa perdeu a centralidade com a qual foi retratada pelo escritor francês. Não sabemos se as plataformas digitais vão suplantar o livro impresso, mas, de qualquer forma, esta não é a primeira vez que nos vemos frente a uma mudança de suporte.

Em diálogo evidente com o uso excessivo dos celulares, observado na primeira parte do livro, sobretudo em “Mundo dron”, na seção “Lectura y velocidad”, Villoro especula sobre um tempo alternativo: o da complexidade e dos aprofundamentos. Enquanto a leitura do cibernauta, feita por razões utilitárias, decifra, com imediatez, o que importa, a leitura da biblioteca faz com que o leitor se encontre com o que não buscava e, justamente por isso, se lhe interpõem pausas. Elas modulam outro ritmo, para além das páginas do livro: aquele que se abre às complexidades do humano, ultrapassando a duração da leitura e até mesmo, a do vivido. Esse exame volta a ser redimensionado em “Leer a saltos” por intermédio da resenha do livro de Beatriz Sarlo, *La intimidad pública*, e a compreensão de que o exercício da leitura literária potencializa o modo de ler a digital, recortando com mais precisão o que dela pode ser aproveitado. O resultado dessa discussão parece estar em “La sabiduría de ignorar”. Dois tipos de leitor experientes são aí contrastados. O primeiro assemelha-se ao personagem que Italo Svevo perfilou em seu romance inconcluso, *Il vecchione* ou *Le confessioni del vegliardo*. Quase sem vida e esperança, sente-se, entretanto, tranquilo, e por isso dedica-se à releitura dos clássicos, ignorando as novidades. O segundo leitor conserva intacta a curiosidade que sempre o moveu: a melhor página está por vir, o entendimento virá daquilo que ignora.

Já em “La sabiduría de ignorar”, Villoro reconstrói a sociabilidade dos escritores que frequentavam a livraria Gandhi da Cidade do México na década de 1970 e volta a Umberto Eco, desta vez para ponderar o livro como instrumento que não pode ser aperfeiçoado. Discorre, por fim, sobre a importância, para o leitor, dos livros que não foram lidos. A dos clássicos, sem ler, mas conhecidos, e a dos outros livros, igualmente sem ler, realmente desconhecidos e emblemáticos da sua (nossa)

ignorância. Os livros que não foram lidos também são retomados segundo uma visão de conjunto em “Los libros y el poder”. Na América Latina de poucos leitores, os escritores, sem ter sido de fato lidos, seriam frequentemente vistos como oráculos e isto os deixaria à vontade para se manifestarem sobre assuntos que ignoram. Por serem autores, são respeitados, passam a ser ouvidos e até recebem o voto da sociedade. Estes seriam os casos de Rómulo Gallegos e Juan Bosh, presidentes, Mario Vargas Llosa, candidato à presidência, bem como os de outros aspirantes ao poder, com suas variadas estratégias para aliar a cultura livresca ao desempenho político.

O trabalho de compilar as leituras que ofertam respostas parciais sobre o modo como a cultura da letra pode equilibrar ou combater os distúrbios gerados pela sociedade digital prossegue com “La importancia de tener menos público”. Nesta seção, o diálogo se faz, como em outros momentos, com o autor de *Los demasiados libros*, Gabriel Zaid, com quem Villoro divide os questionamentos sobre a relevância social do livro nos dias de hoje, a importância do público e o modo paradoxal de a escassez de leitores aumentar o valor imaterial dos livros. No outro extremo, com a seção “Ordenar y repudiar libros”, desfrutamos de meditações leves e hipóteses divertidas sobre as diferentes formas de organizar uma biblioteca, em consonância com as personalidades de escritores, intelectuais e personagens inventados.

Algumas das seções da segunda parte de *No soy un robot* se voltam à escrita, capturada na sua relação com as percepções físicas. Em “Juego de manos”, Villoro nos aproxima das mãos, valorizando a fortaleza humana de movimentar o corpo, ou somente os dedos, para pensar melhor. O autor também privilegia certos apegos, como o do teclado QWERT, inventado para as máquinas de escrever. Em que pese a existência de modelos melhores, segue sendo usado. A pergunta subjacente ao leitor desta seção é: quais seriam, então, os apegos desenvolvidos ao longo dos séculos pela cultura do livro que serão mantidos no futuro? Sem respostas, passamos a um desapego. Em “La cinta bicolor”, ou seja, a fita preta e branca das máquinas de escrever, Villoro compara a escrita física destas últimas, com marcas que seriam próprias à psicologia daquele que digita, com a escrita rápida, silenciosa e sem rastros do computador. Embora os termos da comparação sejam diferentes, “La cinta bicolor” reverbera os contrastes entre a escrita e a memória discutidos no

Fedro de Platão, relido com mais vagar posteriormente, no epílogo de *No soy un robot*.

Em “Periodismo robot”, o autor historia a escrita automatizada, produzida por IA e dominada, no mundo hispânico, pelo espanhol peninsular. Paralelamente, e nesta mesma seção, aponta para o fim do jornalismo investigativo e do funcionário das redações que corrigia normas e estilos. Diante deste novo retrato do grande panorama da sociedade digital, questiona: seriam, estes, os primórdios de uma escrita pós-humana? Com o auxílio do Roger Bartra de *Chamanes y robots*, ensaia uma resposta. Ela é de esperança e sintetiza o tom da segunda parte do livro. Ainda não, pelo menos não nos casos em que a escrita exige a subjetivação. Como a escrita, a leitura exigiria a subjetivação. Um texto, acrescenta, qualquer que seja ele, só existe diante do leitor. As máquinas juntam palavras e frases, seus sentidos, porém, e mesmo a determinação de sua autoria, dependem da recepção. Esta indefinição subjetiva, própria da leitura, corresponderá, mais tarde, ao principal argumento das palavras finais de *No soy un robot*. No “Epílogo: la farmacia de las palabras”, Villoro explicitará como *A farmácia de Platão* de Jacques Derrida, ao emprestar uma coerência ao *Fedro*, teria revelado como o *phármakon* depende do leitor. Este ativaria a dose de veneno ou de remédio que existe em si mesmo e da qual, de certa forma, precisaria provar.

A segunda parte do livro também conta a viagem do escritor ao deserto do Atacama em busca do verso de Raúl Zurita nele inscrito, “Ni pena ni miedo”, e com uma reflexão sobre o conselho de Massimo Tarenghi, responsável por projetar, no mesmo deserto, o maior observatório astronômico do mundo. Villoro contrasta a atual profusão de (nossos) contatos em redes sociais, mais espectrais do que efetivos, com a necessidade de Tarenghi de possuir oito pessoas, disponíveis por telefone, que pudessem escutá-lo a qualquer momento, durante os longos e solitários anos da construção do observatório. O nome desta seção é “Formas de ver el cielo”, metáfora empregada para contextualizar compreensões alternativas do mundo, da existência e da experiência. Algumas delas estariam em palavras traduzidas por crianças, com explicações incorretas para o dicionário, e no entanto, profundamente humanas e verdadeiras.

O livro de Villoro poderia ser censurado por criticar a superficialidade do tipo de leitura atual, sintetizado pela leitura nas redes, por intermédio de uma

estruturação que sem se furtar à contemporaneidade também é fragmentária. O autor, entretanto, antecipa-se à repreensão. Na última seção da segunda parte, “Olvidar el futuro”, admite que pass(e)ou de ilha em ilha — “hemos pasado en este libro de isla en isla sin abandonar el mar que las une” (2024, p. 281). Sua finalidade foi reunir uma profusão de elementos que pudessem nos aproximar, de um modo deslocado e diferido, das formas com que nos relacionamos com a cultura da letra, hoje e no passado, seja com a mente ou com o corpo. À diferença da leitura do cibernauta, *No soy un robot* abre-se às sugestões, aos *insights*, aos tempos desdobrados e às complexidades aludidas pelo próprio autor. Seu modelo, esclarece o próprio Villoro, estaria no Ulisses de Homero, determinado a voltar para casa para não perder o sentido da sua travessia, a saber, transmitir, pela narração, a sua experiência. Um dos fragmentos mais citados de “O narrador” de Walter Benjamin, recordado nas páginas centrais de *No soy un robot*, rebrilha na mente do leitor: “Una facultad que nos parecía inalienable, la más segura entre las seguras, nos está siendo retirada: la facultad de intercambiar experiencias” (apud VILLORO, 2024, p. 150). Caso experimente as águas da literatura, aconselha Villoro, o cibernauta sobreviverá às ilhas de presente contínuo. Como Ulisses, saberá desviar das sereias ou da bela Calipso, distinguindo seu objetivo e mantendo a memória da experiência que o conduz.

Referências bibliográficas

VILLORO, Juan. *No soy un robot: la lectura y la sociedad digital*. Barcelona: Anagrama, 2024.

Livia Grotto é pesquisadora e docente especializada em Literatura Comparada, com foco nas literaturas de língua espanhola. Atualmente, é Professora Substituta na UNESP de São José do Rio Preto e Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. Sua pesquisa de Pós-Doutorado na FFLCH-USP concentrou-se nas figurações do escritor-tradutor, incluindo autores como Borges, Reyes, Paz e Villoro. É autora do livro *Disfarces do invisível, duplicações da história na obra de Ricardo Piglia* (Annablume, 2009).